

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

A FAMA PORTUGUESA NO OCASO DO IMPÉRIO: A DIVULGAÇÃO EUROPEIA DOS FEITOS DE D. LUÍS DE ATAÍDE

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

É sabido que a elevação dos sucessos nacionais à categoria de matéria épica acompanha todo o processo expansionista ainda antes das expedições atlânticas colherem o fruto da almejada Índia. Fenómeno que contribuiu poderosa e decisivamente para a consciencialização da grandeza presente, porque a impositividade do instante dificulta a visão de longo alcance, foi, sem dúvida, a progressiva introdução de novas formas de medir as coisas e os homens.

Ora essa medida nova, forjada nos alfobres humanistas da Itália, era a palavra, a arte da persuasão, segundo o convencimento ciceroniano de que é esta o fundamento da civilização humana, condição da Justiça na cidade. A palavra renasce das cinzas com o seu sortilégio. Pouco a pouco as velhas *artes dictaminis* cedem o passo à retórica ciceroniana entretanto reencontrada. Vêm à luz do dia os três tratados de oratória de Cícero, o *De Oratore*, o *Brutus*, o *Orator*. A invenção da imprensa amplifica os efeitos destas descobertas e potencia a acção dos humanistas na gestação de uma nova *forma mentis*.

Assim, enquanto os portugueses progridem no conhecimento do mundo, na Europa, ou melhor, na Itália, renasce um outro mundo. Mas, pouco a pouco, assiste-se à junção dos dois movimentos. Deste modo a universalização dos feitos lusitanos é sobretudo devedora da acção dos promotores desse cosmopolitismo europeu, com os seus novos métodos pedagógicos e novos interesses.

Cataldo propõe-se enaltecer as glórias do povo que o acolheu, compõe o primeiro poema heróico sobre os feitos dos portugueses. D. Garcia de Meneses, em 1481, perante o papa Sisto IV, proclama as glórias lusitanas. E, se, por meados do séc. XV, a Cúria Romana estranhava o facto de serem os feitos portugueses pouco conhecidos, rapidamente passam a ser publicitados em epístolas e orações, mormente

nas de obediência ao Papa. Estes discursos, proferidos, solenemente, por ocasião do preito de submissão apresentado por uma embaixada especial, foram, na verdade, o meio privilegiado de divulgação dos avanços dos portugueses em África e na Ásia.

Mas não vamos deter a nossa atenção na importância da eloquência novilatina ou no papel de relevo que desempenharam esses discursos epidícticos na divulgação da gesta lusitana⁽¹⁾. O intento do presente estudo é tão-só o de dar a conhecer um opúsculo que veio a lume nas circunstâncias já referidas, ou seja, aproveitando o interesse despertado pelas narrativas dos oradores. Trata-se de uma antologia de poemas sobre as vitórias obtidas por D. Luís de Ataíde no Oriente e está na Biblioteca Nacional de Roma na *Miscellanea Valenti*, 670. 21, sob o título:

DIVERSORVM/ AVCTORVM CARMINA/ IN LAVDEM ILLVSTRISSIMI DOMINI LVDOVICII ATHAIDII,/ SERENISSIMI REGIS PORTVGALLIAE/ A CONSILIIS,/ Pro foelici uictoria apud Indos reportata./ CVM LICENTIA SVPERIORVM./ ROMAE./ Apud Iosephum de Angelis./ MDLXXV./⁽²⁾

Ora, um ano antes, dos prelos deste mesmo impressor tinham saído duas edições da oração obediencial pronunciada por Aquiles Estaço, a 28 de Setembro de 1574, em nome de D. Sebastião, na embaixada de obediência de João Gomes da Silva. Nesse discurso o nosso orador narrara as recentes vitórias dos portugueses obtidas nos cercos de Goa e de Chaúl, sob o comando do intrépido D. Luís de Ataíde. Mas, como era de regra neste género de oratória demonstrativa, o panegírico fora reservado aos louvores do rei, passando a segundo plano as acções individuais, por muito decisivas que se tivessem revelado. No sumário dos sucessos de 1570-71, posto a circular logo após a chegada triunfal de D. Luís a Lisboa, avultava a figura do vice-rei. No entanto, e apesar desse sumário constituir a principal senão única fonte do discurso obediencial, condicionamentos formais obrigaram a calar o papel de relevo desempenhado pelo general português, por forma que, no texto da obediência, não encontramos sequer o nome do vice-rei.

O significado da vitória das armas portuguesas não passou despercebido. Fora

(1) Desse assunto ocupámo-nos na nossa dissertação de mestrado *As orações de obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1989.

(2) Encontrámos este opúsculo no decurso de pesquisas bibliográficas sobre a obra impressa e inédita de Aquiles Estaço (1524-1581), realizadas, em Setembro de 1990, nalgumas bibliotecas romanas. Aproveitamos o ensejo para publicamente agradecer à Secção Científica de Desenvolvimento do Senado da Universidade de Aveiro o subsídio que para o efeito nos concedeu.

afastada por algum tempo a grave ameaça corporizada pelo Hidalção que lograra reunir, contra a presença portuguesa, os principais potentados da Índia, quer muçulmanos quer hindus.

Na outra frente do combate secular entre cristãos e muçulmanos a tentativa turca de expulsar da ilha de Malta os Cavaleiros Hospitalários saldara-se, em 1565, por um estrondoso fracasso e mais recentemente, a 7 de Outubro de 1571, a Liga celebrada entre Pio V, Filipe II e Veneza obtivera a decisiva vitória de Lepanto.

A guerra com os Turcos estava, por assim dizer, na ordem do dia. Os poetas áulicos da corte pontifícia celebravam as vitórias e os heróis do momento em inúmeros epinícios de sentido cruzadístico. Lorenzo Gambara da Brescia compõe uma *Ad Deum gratiarum actio pro uictoria de Turcis habita* e epigramas *In Regem Turcarum post amissam classem*. No *Proteus* de Fabio Giordano, editado em Nápoles, em 1571, *apud Iosephum Cachium*, encontramos poemas a D. João de Áustria e uma ode de *uictoria Naupactica*. O português Tomé Correia publica em Veneza, *apud Nicolaum Beuilacquam*, em 1568, três odes em honra de Filipe II pela sua participação na vitória de Malta e, em 1571, em Roma, alguns *Carmina in uictoriam habitam de classe Turcica D. Ioanne Austria praefecto orae maritimae et totius classis Christianae*. Aquiles Estaço compõe um *Deo forti Melita liberata epinicium* e acerca da vitória sobre a armada turca em Lepanto um *Turcis nauali proelio uictis Eucharisticon*. E estes são apenas alguns exemplos dessa produção panegirista.

O ambiente era, por conseguinte, propício; um opúsculo, que divulgasse mais detidamente os pormenores das batalhas dos portugueses no Índico, seria bem acolhido. Assim, Aquiles Estaço acrescenta às edições da *oratio obedientialis* de 1574 a sua *MONOMACHIA/ NAVIS LVSITANAE/ CVM INGENTI REGIS/ DACHENOR. CLASSE./* e, muito provavelmente, faz publicar na mesma casa impressora os *Diuersorum Auctorum Carmina in laudem Ludouici Athaidi*.

Este florilégio reúne composições de André de Resende, Pedro Sanches e Inácio de Moraes, que, mais tarde, vieram a ser publicadas juntamente com a *HISTORIA DA/ INDIA, NO TEMPO EM QUE A/ GOVERNVO O VISOREY DOM LVIS D'ATAIDE./ Composta por Antonio Pinto Pereira*.⁽³⁾ Há, no entanto, muitas diferenças entre a edição romana de 1575 e os versos que antecedem a crónica de Pinto Pereira, publicada, em 1617, por Fr. Miguel da Cruz, em Coimbra, na casa impressora de Nicolau

(3) Foi reproduzida modernamente em fac-simile (Lisboa, INCM, 1987). Que tenha sido Estaço o editor desta antologia é hipótese que não podemos confirmar, mas que se nos afigura como muito provável pelas razões expostas e ainda pelos laços que o uniam aos três poetas.

Carvalho. Além de muitas variantes ortográficas e de diferentes critérios de pontuação, o texto editado pelo frade da Ordem de Cristo apresenta lições que afectam a boa compreensão dos poemas e atribui todas as composições de Pedro Sanches a Inácio de Morais.

O opúsculo de 1575 traz, em primeiro lugar, um poema heróico de André de Resende, cento e trinta e dois versos em hexâmetros dactílicos, depois, quatro epigramas de Pedro Sanches em dísticos elegíacos e, por fim, vinte e quatro versos, também em dísticos elegíacos, de Inácio de Morais.

Assim, aos textos de Pedro Sanches impressos no séc. XVI, em obras de Jerónimo Cardoso e de Francisco de Holanda, acrescentamos estes quatro epigramas, até agora anónimos ou atribuídos a Inácio de Morais, poemas que, aliás, não se encontram no códice F.G. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde estão coligidos versos de Pedro Sanches e cartas de seu irmão Rodrigo Sanches⁽⁴⁾.

O poema de André de Resende, propondo-se cantar os feitos de D. Luís de Ataíde, segue, como o próprio metro desde logo sugere, os cânones da poesia épica. A narrativa ocupa, pois, lugar de relevo. Relatam-se os sucessos de Goa: o cerco posto pelo Hidalcão, o ataque lançado de surpresa pelo vice-rei, a ferocidade do combate, a vitória dos sitiados, a retirada do inimigo, a chegada de D. António de Noronha, o prémio da vitória distribuído por D. Luís aos seus soldados (vv: 27-98). Por fim conta-se como D. Luís de Ataíde foi triunfalmente recebido em Lisboa (vv. 115-124).

Entre os episódios narrados avulta aquele em que, à falta de despojos, o vice-rei obrigou os seus soldados a aceitarem como saque a sua própria casa, impressionante exemplo de solicitude e desprendimento que também Pedro Sanches assinala na forma lapidar do epigrama.

*Esse solet uictus uictori praeda superbo,
At uictor praeda, hic solus in orbe fuit.*

Costuma o vencido ser presa da soberba do vencedor,
mas vencedor que fosse presa, só este'houve no mundo.

Este passo da vida de D. Luís, que não encontrámos nos cronistas⁽⁵⁾, é em-

(4) vd. A. da Costa RAMALHO, s.v. Pedro Sanches, *Enciclopédia Verbo*, vols. XVI e XX, s.v. Rodrigo Sanches, vol. XX.

(5) *Memorial de Pero Roiz Soares*, leitura e revisão de M. Lopes de ALMEIDA, Coimbra, Atlântida, 1953; António de CASTILHO, *Comentário do cerco de Goa e Chaul no anno de 1570, Sendo viso-rey D. Luis de Ataíde*, Lisboa, na officina Joaquiniana da Musica, 1736; Diogo do COUTO, *Da Asia, Década oitava*, ed. crítica e comentada por M. A. de Abreu Lima

blemático da personagem, símbolo de todas as qualidades próprias de um carácter probo e honrado que devia ser apanágio do general e do governante, de todas aquelas virtudes que os três poetas se comprazem em elevar a exemplo ético em tempos de suposto rebaixamento moral. André de Resende interroga-se com a pergunta retórica:

*Victorem egregium, re tam feliciter acta,
Ex se militibus praedam supplere minorem,
Fallimur, ane nouum est? primusque sequentibus annis
Ingeniis recolenda bonis, documenta dedisti?*

vv. 111-114

estaremos enganados se dissermos que é coisa nova o vencedor excelente, que conduziu a guerra com tanta felicidade, dos seus bens tirar a presa que falta aos soldados? Não foste tu, pois, o primeiro a dar aos anos vindouros exemplos que ânimos valerosos devem retomar?

O desprezo das riquezas torna-se o traço dominante na caracterização do vice-rei. A glória deriva desse desapego em relação aos bens materiais. A proposição do poema de André de Resende não podia ser mais eloquente:

*Quod Ludouice nigris remeasti uictor ab Indis,
Gratulor, atque magis praeda quod inanis, et auro,
Illinc, unde duces alii fecere frequenter
Diuitias summas, sed maiestate minuta.*

vv. 1-4

Congratulo-me, Luís, por teres voltado vencedor das negras Índias, e mais ainda por não trazes despojos e ouro de lá, donde, não raro, outros generais têm trazido enormes riquezas, mas com reduzida grandeza.

A glória alcançada por D. Luís de Ataíde é, pois, o fruto do valor físico, da bravura, da intuição estratégica, da clemência e da autoridade, ora branda ora firme, de um entranhado amor à pátria, da lealdade. Nas palavras de Pedro Sanches:

*Inuictus fortisque animus, patiensque laborum
Aurí contemptor, uerus amor patriae,
Aeternum peperere tibi dux inclite nomen:
Sin minus in terris aethere notus eris.*

Ânimo indomável e valeroso, paciente nos trabalhos, desprezador do ouro, verdadeiro amor à pátria,

CRUZ, Lisboa, 1987; António Pinto PEREIRA, *História da Índia*, introd. de Manuel Marques DUARTE, Lisboa, INCM, 1987; Fr. Manuel dos SANTOS, *História Sebástica*, Lisboa Occidental, na officina de António Pedrozo Galram, 1735; Diogo Barbosa MACHADO, *Memórias para a História de Portugal*, Lisboa, na regia officina Sylvianna, 1747.

para ti alcançaram, ó insigne general, eterna fama,
se não fores conhecido na terra, sê-lo-ás no céu.

E Resende, ao referir o momento em que D. Luís tem que entregar o comando do exército e o governo do estado ao seu sucessor, D. António de Noronha, retoma valores romanos como a *fides* e o *honos*.

(...) *quod alter*
Nec meliore fide, nec gessit honestius unquam.

vv. 82-3

que jamais alguém desempenhou
com maior lealdade, ou mais honestamente.

A medida da *honestas* é proporcional à indiferença perante as riquezas. Sublinha-se com antíteses o contraste entre a glória militar obtida por D. Luís no Oriente, região fabulosa pelas oportunidades de enriquecimento que oferecia, e o ter regressado ainda mais pobre do que partira.

et ille
Nuper Idalconis domitor regionis heoae
Rector, opumque animo magno despector, opimo
Pauper ab orbe redis, alienoque aere grauatus.

vv. 98-101

e tu,
ainda há pouco do Hidalcão vencedor, e tu senhor das terras
do Oriente e magnânimo desprezador das riquezas, voltas,
de um mundo rico, pobre e carregado de dívidas.

D. Luís de Ataíde configura um novo tipo de herói, vence os maiores expoentes da arte militar da Antiguidade quer pelos seus dotes guerreiros, quer, sobretudo, pela sua estatura moral. No epigrama de Inácio de Morais o vice-rei sai facilmente vitorioso do confronto com César.

Caesare tu maior superas Garamantas et Indos,
Famamque extendis iusta per arma tuam.
Obsceno rumor turpabat crimine nomen
Caesaris, illaesum est, et sine labe tuum,
Ille suas uires patriam conuertit in ipsam,
Confirmas patriam uiribus ipse tuis.

vv. 13-18

Maior que César tu vences os Garamantes e os Indos
e, com guerras justas, estendes a tua fama.
Rumores manchavam com torpes acusações o nome
de César, incólume e sem mácula está o teu,
ele voltou as suas forças contra a própria pátria,
tu revigoras a pátria com o teu poder.

As guerras dos portugueses no Oriente são *iusta arma*, enquadram-se e justificam-se pela doutrina da cruzada⁽⁶⁾. Mais ainda, no caso presente, conformam-se com a noção ciceroniana de guerra justa, uma vez que, em Goa e Chaúl, D. Luís dirigira um combate de vida ou de morte. Ao contrário, César representava o triunfo de uma causa ímpia, a traição à *fides*, a guerra à própria pátria⁽⁷⁾; era a imagem, digamos, "maquiavélica" daquele homem de Estado, sem escrúpulos e sem moral, retratado, com as cores mais sinistras, por Suetónio no *Diuus Iulius* ⁽⁸⁾.

Mas os versos de Inácio de Moraes lembram ainda a *Eneida*, quando, depois de uma brevíssima referência a César, Anquises apresenta Augusto nestes termos:

*Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
Augustus Caesar, Diui genus, aurea condet
Saecula qui rursus Latium regnata per arua
Saturno quondam, super et Garamantas et Indos
Proferet imperium (...)*

VI. 791-795

É este o homem, é este, o que muitas vezes ouviste prometer,
Augusto César, filho de um deus, que a idade do ouro
há-de inaugurar de novo no Lácio, nos campos
onde outrora Saturno reinou, e, para além dos Garamantes e Índios
dilatará o império (...)⁽⁹⁾

Sem dúvida que Inácio de Moraes tinha presente este trecho de Virgílio. D. Luís de Ataíde surge, pois, como um outro Augusto que com a sua vitória traz de novo a idade do ouro à terra. Mas os limites do império português ultrapassam em muito os do império romano, as guerras feitas pelos portugueses tinham alargado o mundo, ao vice-rei restava alargar a fama que não o império. Que Inácio de Moraes se inspira neste passo da *Eneida*, comprova-o o dístico seguinte:

*Cum socero Magno certamina miscuit ille,
Tu pia cum socero foedera pacis amas.* vv. 19-20

ele, com Pompeu, embora seu sogro, provocou contendas,
tu, com teu sogro, desejas piedosas e pacíficas alianças.

(6) vd. B. Fernandes PEREIRA, *As orações de obediência de Aquiles Estação*, Coimbra, 1989, pp. 42-47.

(7) Cícero, *De Officiis*, 2. 8. 26-29.

(8) As *Vitae Duodecim Caesarum* foram muito apreciadas pelos humanistas de Quinhentos. À *editio princeps* de 1470 seguiram-se muitas outras edições com destaque para as de Egnazio (Veneza, 1516), Erasmo (Basileia, 1518, 1533, 1546), Robert Estienne (Paris, 1543) e Aquiles Estação (Antuérpia, 1574).

(9) Utilizamos, com a devida vénia, a tradução de M. H. da ROCHA PEREIRA, *Romana. Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, p. 162.

Antítese que, talvez para obter um paralelismo perfeito, incorre em erro ao referir Pompeu como sogro de César, quando era exactamente o contrário, César é que se tornou sogro de Pompeu quando este, para reforçar pelos laços familiares a aliança do primeiro triunvirato, tomou por esposa Júlia, a filha de César. Sugere o Senhor Professor Costa Ramalho, num estudo a publicar brevemente, e que gentilmente nos facultou, que é de considerar a hipótese de este erro se dever a distracção do poeta ou do tipógrafo, uma vez que *socero* equivale, metricamente, a *genero*. Preferimos, no entanto, e apesar de algumas reservas de ordem sintáctica, traduzir *socero* como um ablativo de valor concessivo.

Este *exemplum* tornara-se tópico recorrente; Camões, em *Os Lusíadas*, III. 71-73, retomá-o ao comparar a derrota de Pompeu às mãos de César, seu sogro, à de Afonso Henriques que se viu forçado a render-se ao genro. Vejamos o que dizia Virgílio:

*Heu! quantum inter se bellum, si lumina uitae
Attigerint, quantas acies stragemque ciebunt!
Aggeribus socer Alpinis atque arce Monoeci
Descendens, gener aduersis instructus Eois.*

VI. 828-831

ai! quanta guerra entre si, se atingirem a luz da vida,
quantas batalhas, quanta carnificina desencadearão,
o sogro, descendo das fortalezas alpinas e da cidadela de Mônaco
o genro, alinhando forças adversas do Oriente!⁽¹⁰⁾

No poema de André de Resende D. Luís é outro Cipião. Repare-se no símile, processo característico da epopeia, usado para sugerir a surpresa e a violência do ataque lançado pelo vice-rei:

*Cum ratus esse parum clausos defendere muros,
In sua castra hostem petis improuisus, et omnes
Perrupisti acies, disiecistisque phalangas,
Fulminis in morem, cum raptō e nubibus igne,
Corripuit uepreta, notis si flamma iuuatur.
Fit strages, crepitatque nemus, per rura propinqua
Pastores sparsi, armentis fugere relictis.
Inuoluit sed flamma pigros uelocior atque
Adflauit, pariterque greges, pariterque magistros.*

vv. 52-60

Quando, vendo que não bastava defender muros fechados,
de improviso ataca o inimigo nos seus acampamentos; destroças

(10) M. H. da ROCHA PEREIRA, *op. cit.*, p. 163.

todas as linhas e pões em debandada as falanges,
 como o raio que, quando o fogo se precipita das nuvens,
 incendeia os silvados, se a chama for ajudada pelos ventos.
 Dá-se o embate, crepitam os bosques, pelos campos vizinhos,
 desvairados os pastores, fogem as manadas ao abandono.
 Todavia as chamas mais velozes cercam os retardatários e
 incendeiam os rebanhos e os seus condutores.

Recorda-se o epíteto dos Cipiões do Canto VI da *Eneida*, vv. 842-843: "Quis Gracchi genus? aut geminos, duo fulmina belli, / Scipiadas, (...)"

Mas a André de Resende interessa sobretudo o tópic do desprezo das riquezas, assim, em nome da unidade interna do seu poema, prefere evocar Paulo Emílio.

*Super aethera Paulus
 Tollitur Aemilius, qui cum ditauerit urbem
 De Persei spoliis drachma locupletior ipse
 Non rediit.*

vv. 14-17

Aos céus é exaltado Paulo
 Emílio, porque, embora tenha enriquecido a cidade
 com os despojos de Perseu, ele, não voltou mais rico
 uma dracma.

Com efeito, Cícero, no *Dos Deveres*, afirma que o vencedor da batalha de Pidna libertou os romanos do peso dos impostos graças ao dinheiro tomado aos macedónios, não trazendo para sua casa nada a não ser a memória sempiterna do seu nome⁽¹¹⁾. E, noutro tratado ciceroniano, na *República*, Cipião-o-Africano Maior revela ao seu neto adoptivo, isto é, ao filho de Paulo Emílio, que "para todos aqueles que salvaram a pátria, que a socorreram, que a dilataram, está guardado no céu um lugar reservado, onde os bem-aventurados gozam de uma vida eterna"⁽¹²⁾. Para Resende Paulo Emílio alcançara a recompensa que gratifica os defensores do bem comum: *Super aethera Paulus! Tollitur Aemilius*. E, no dizer de Inácio de Moraes, será esse também o merecimento de D. Luís de Ataíde, que o distingue, evidentemente, do destino de César.

*Denique dat poenas ille, et cruciatur in Orco,
 At tu pro meritis sidera celsa petes.*

Por fim, ele é castigado e supliciado no Orco,
 tu, porém, pelos teus méritos, para o alto dos céus partirás.

(11) No *De Officiis*, 2. 22. 76, *at hic nihil domum suam intulit praeter memoriam nominis sempiternam*.

(12) M. H. DA ROCHA PEREIRA, *op. cit.*, p. 42.

Mas estes *sidera celsa* remetem não só para a concepção estóica da imortalidade, presente no *Somnium Scipionis*, como também para o prémio de uma vida devotada à defesa e propagação da fé cristã. O herói moderno supera os exemplos da Antiguidade porque é animado tanto pelo desejo de servir o bem comum, como pelo de servir a fé. O campo de batalha onde se conquista a glória não é já o da simples *respublica*, mas sim o da *respublica christiana*; por outras palavras, é à luz do espírito de cruzada que são exaltados os feitos de D. Luís de Ataíde. Ora, como se sabe, o irenismo de cunho erasmista não vingou entre nós, salvo raríssimas excepções, todavia, em 1575, o espírito de cruzada, que foi sempre um proclamado suporte ideológico da expansão lusitana, correspondia ao sentir geral da Europa, pelo menos no espaço católico. Ao zelo da Contra-Reforma vieram juntar-se factos políticos condicionantes, como a efémera Liga contra os turcos e os esforços do papado que procuravam fomentar um novo espírito de cruzada. Como vimos anteriormente, a guerra conduzida por D. Luís de Ataíde, em 1570-71, na Índia, encontrava-se perfeitamente justificada na doutrina tradicional da guerra justa. Ora, no poema de Inácio de Moraes deparamos, precisamente, com a afirmação explícita de que as armas portuguesas combatem pela fé.

Te duce, pro sancta gestaque bella fide.

sob o teu comando, gloriosos feitos se cometem pela santa fé.

No entanto, é sobretudo ao nível simbólico que a guerra adquire conotações de "guerra santa". André de Resende apresenta como causas remotas do cerco de Goa o velho ódio do Hidalcão, vergôntea da dinastia fundada pelo Sabaio, o primeiro a espalhar por aquelas plagas o credo de Maomé. A expansão muçulmana foi contida com a chegada das velas lusitanas assinaladas com o vermelho da cruz de Cristo.

*Qui domitis terrae indigenis, Maumetis iniqui
Insanam primus sectam has inuexit in oras,
Donec eo nostri uictricia signa tulerunt,
Signa crucem rutilo simulantia lintea cocco.*

vv. 31-34

E este [o Sabaio], depois de subjugar os nativos, foi o primeiro a trazer para estas plagas a louca seita do iníquo Maomé, até que os nossos levaram para lá os sinais da vitória, as insígnias que representam nas velas o vermelho flamejante da cruz.

E, quando o Hidalcão põe cerco à cidade, de entre o aparato militar do inimigo, sobressaem os estandartes nos acampamentos, o crescente que ameaça expulsar a cruz.

*Nec castra horribili adspectu, lunatae signa
Vndique per patulos circumfulgentia campos.*

vv. 47-48

Nem os acampamentos de aspecto aterrador, nem o crescente das bandeiras que, de todos os lados, refulgiam na vastidão dos campos.

O milagre da vitória está, pois, justificado. A cruz vence o crescente como outrora triunfara sobre a águia orgulhosa, símbolo do *imperium* de Júpiter, símbolo do paganismo. César, no epigrama de Inácio de Moraes, é depreciado em comparação com D. Luís de Ataíde, isto é, as águias das legiões nada podem contra a cruz.

*Ille aquilas uanas uexilla superba gerebat,
Tu gestas sanctae signa uerenda crucis.*

vv. 21-22

Ele trazia estandartes arrogantes, águias inúteis,
tu trazes sempre as venerandas insígnias da santa cruz.

O panegírico do herói aproxima-se da hagiografia. D. Luís é S. Luís redivivo, o último dos cruzados. A oração pontua a sucessão dos acontecimentos. O desprezo dos bens materiais sugere um exercício constante de despojamento, uma ascese. São os excessos próprios da santidade⁽¹³⁾. Mas são também, como temos vindo a assinalar, os traços de um retrato que tinha o seu modelo no *sapiens* estoíco; e, a este propósito, são sobremodo significativos os versos finais do poema de Resende, D. Luís é um "daqueles cujo pensamento arde com o fogo celeste e que pensam que, sem a virtude, não existe nenhum bem na vida".

*(...) quibus aethero mens aestuat igne relict
qui uirtute, bonum in rebus nihil esse putarunt,*

vv. 130-132

Há, por certo, um fundo senequiano nesta linguagem ambivalente que facilmente conjuga a noção filosófica de felicidade com a concepção cristã de santidade⁽¹⁴⁾.

D. Luís de Ataíde, coberto de glória, chega à barra do Tejo em Julho de 1572, desembarcando a 25 recebido entusiasticamente pelo rei e por todo o povo. Como nota o Professor Borges de Macedo, os triunfos do vice-rei, divulgados em todo o país por ordem régia, vinham "acrescentar-se e confirmar tantos outros de seus iguais, cantados no poema camoneano, então posto à venda". Ora "a série dos vice-reis, governadores e enviados gerais cantados n'*Os Lusíadas*, escreve aquele ilustre historiador, acaba em D. João de Castro. Apesar do seu valor, são totalmente omitidos os vice-reis ou governadores que governaram a Índia, a partir de quando Camões

(13) Ou, como já alguém notou, os excessos de um temperamento que cultiva o acto temerário, o gesto artificioso e teatral, vd. Jaime CORTESÃO, "Domínio Ultramarino", *História de Portugal*, vol. V, Barcelos, 1933, pp. 328-329 e 338-339.

(14) Vd. *Cartas a Lucílio*, VIII. 74.

esteve no Oriente", porque o abastardamento moral, a série de governos tirânicos e o poder corruptor do dinheiro, tornado fidalgo, não podiam constituir fonte de inspiração⁽¹⁵⁾. Na verdade, por esta altura, a acção lusitana no Oriente incitava mais à lamentação ética, à diatribe de *O Soldado Prático* de Diogo do Couto. No entanto, uma figura como D. Luís de Ataíde poderia redimir condutas pouco exemplares. Pedro Sanches pede um poema épico que eternize a glória do vice-rei.

*Cautum erat edicto ne quis nisi doctus Apelles,
Pellaei magni pingeret ora ducis,
Sit cautum edicto, ne quis nisi Musa Maronis
Taidii magni fortia gesta canat.*

Tinha sido decidido por decreto que ninguém, a não ser
o hábil Apeles, pintasse o rosto do grande general macedónio.
Por lei se determine que ninguém, a não ser a musa de Marão,
cante os valorosos feitos do grande Ataíde.

Recorrendo a um tópico tão glosado na época, e que estava na *Pro Archia poeta* de Cícero, não pretenderá este epigrama sugerir ao próprio rei, dedicatário d'*Os Lusíadas*, que deve patrocinar o canto dos feitos de D. Luís? E, afinal, quem é que possuía a *Musa Maronis*, senão o próprio Camões?

As proezas do futuro conde de Atouguia suscitaram em D. Sebastião, no dizer dos cronistas, a vontade de ir ao Oriente, mas despertaram também essoutro sentimento tão vituperado quanto experimentado na época, a inveja. Veja-se o epigrama de tom satírico, ainda que amargo, composto por Pedro Sanches:

*Odit uictorem, nil mirum, barbarus hostis,
Mirum hoc, te ciuis non amat inde tuus,
Hostes, quod uicti; ciues, quod uiceris, et quod
Palmam inter fortes det tibi fama duces.
Inclyte dux, paruo-non stat uictoria tanta,
Inuidiosa minus, si minor illa foret.*

vv. 5-10

Não é de admirar que o bárbaro inimigo odeie o seu vencedor, estranho é que, por isso, não te estimem os teus concidadãos, os inimigos, porque vencidos, os cidadãos, porque venceste, e porque a Fama te concede a palma da vitória dos grandes generais. Ó glorioso general, de pouco valor não será tamanha vitória, mais pequena ela fosse, menos azo daria à inveja.

D. Luís de Ataíde cumpriu escrupulosamente o regimento que el-rei lhe tinha

(15) Jorge Borges de MACEDO, *Os Lusíadas e a História*, Lisboa, Editorial Verbo, 1979, pp. 107 e 135-136.

dado: "(...) fazei muita Christandade, fazei justiça, conquistai tudo ho mais que poderdes, tirai a cubiça dos homens, reformai os costumes, exercitai os homens, e favorecei os que pelejarem, tende cuidado da minha fazenda (...)”⁽¹⁶⁾. Ao chegar à Índia encontrara uma dívida de 500.000 pardaús, ao sair, apesar dos cercos que suportou, ficavam nos cofres de Goa 400.000 pardaús⁽¹⁷⁾. No entanto, por se opor à aventura africana, D. Sebastião retirou a D. Luís o comando da expedição e despachou-o para a Índia. Exercia pela segunda vez o cargo de vice-rei quando se deu o desastre de Alcácer Quibir. D. Luís terá ainda pensado em preparar uma frota e vir de Goa socorrer D. António, a morte, porém, não permitiu que cumprisse tal propósito, terminando os seus dias, em 1581, com aquelas palavras que, segundo a lenda, terão sido as últimas: "morra eu e seja tudo contra Portugal".

Mas o herói não morreu totalmente. Apesar de contratempos vários terem afectado a transmissão da memória dos seus feitos, são abundantes e largas as referências que lhe fazem os cronistas em vernáculo. Não deixa, no entanto, de causar alguma estranheza ter desaparecido a notícia da edição romana dos poemas de Resende, Sanches e Morais que, encomiasticamente, divulgavam as suas façanhas na língua do intercâmbio cultural, o latim.

Apresentamos agora o texto latino e a versão portuguesa dos poemas de André de Resende, Pedro Sanches e Inácio de Morais. Actualizamos a grafia e a pontuação, indicando sempre em nota de pé de página as variantes encontradas na *História da Índia* de António Pinto Pereira.

(16) Bibl. Nac. de Lisboa, FG, ms 887, fl. 98; vd. também J. Veríssimo SERRÃO, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião (1568-1578)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1987.

(17) Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. Alcob. 308, fl. 147 e A.N.T.T. mss do Convento da Graça, VI, F, fl. 33v., apud M.A.A. Lima CRUZ, *Diogo do Couto e a Década Oitava da Ásia*, Lisboa, 1987, p. 956.

ILLVSTRISSIMO DOMINO LVDOVICO ATHAIDIO, Andreas Resendius.

- Quod, Ludouice, nigris remeasti uictor ab Indis,
 Gratulor, atque magis praeda quod inanis et auro,
 Illinc, unde duces alii fecere frequenter
 Diuitias summas, sed maiestate minuta.
- 5 Mitto hos, qui in aeuum posuerunt fortiter actis
 Rebus auaritia. Sedenim plerique rapaces
 Continuere manus patriaeque aeraria Gaza
 A se uictorum regum oppleuere fideles,
 Non tamen immemores etiam quandoque peculi,
- 10 Verum participes praedae, sine fraude dolosa,
 Quo potuere modo fortunauere Penates.
 Haec neglecta tibi pars est, pars infima forti
 Adspersanda duci, cuius diis aemula uirtus
 Aeternum est paritura decus. Super aethera Paulus
- 15 Tollitur Aemilius, qui cum ditauerit urbem
 De Persei spoliis drachma locupletior ipse
 Non rediit, duxitque satis, quod Roma diebus
 Laeta tribus gratata duci est, celebrique triumpho
 Captiuas spectauit opes, regemque superbum,
- 20 Tandem humilem, atque animo tendentem supplice palmas.
 Huius, et illorum qui sic rediere subactis
 Hostibus, atque nihil censu creuere, manebit
 Gratia par factis. Quorum est non maxima turba
 Omni ex historia, externa nostraque. Sed illud
- 25 Quanto est splendidius factum a te, quale priorum
 Nil' geminae prodant monumenta loquacia linguae?
 Regni arcem columenque Goam, ditione teneri
 Iam pridem nostra, non aequa mente ferebat
 Diues opum lateque potens regnator Idalcon,
- 30 Progenies Persae nequaquam ignaua Sabaii.

3 Ducesll 5 eos; qui naeuumll 7 patriaeque; gazall 8 Ab sell 11 penateisll 13 Diisll 16 De Persei spoliis, ll 21 redicere ll 23 factis quorumll 24 ex historia externa, nostraque. ll 25 spendidiusll 26 linguaell 27 columemque Goam ditionell 29 Hidalcomll

- Qui, domitis terrae indigenis, Maumetis iniqui
 Insanam primus sectam has inuexit in oras,
 Donec eo nostri uictricia signa tulerunt,
 Signa crucem rutilo simulantia lintea cocco,
 35 Ac lue deposita ritus docuere sacrorum.
 Ergo retentanti toties, totiesque repulso,
 Adfulsit nuper spes. Intellexerat urbem
 Non bene praesidio firmam leuiore, nec intus
 Prouisum esse satis, si bellum emergeret extra.
 40 Seu foret in causa uirtus animosior aequo,
 Siue hostis simulata quies, dum tempora captat,
 Sic animo sua uota fouens, prope millia centum
 Selectorum hominum, peditumque equitumque phalanges
 Conciuit, circumque Goam summo ordine sedit.
 45 Intus eras, tecumque decem generosa cohortes
 Pectora, quae duce te neque temuit hostis Idalcon
 Nec castra horribili adspectu, lunatae signa
 Vndique per patulos circumfulgentia campos,
 Aenea nec tormenta globos cessantia numquam
 50 Terrificante sono displodere. Cynthia metas
 Ter uaga contigerat, biiugis inuecta iuuenis.
 Cum ratus esse parum clausos defendere muros,
 In sua castra hostem petis improuisus et omnes
 Perrupisti acies, disiecistisque phalangas,
 55 Fulminis in morem, cum raptis e nubibus igne,
 Corripuit uepreta, notis si flamma iuuatur.
 Fit strages, crepitatque nemus, per rura propinqua
 Pastores sparsi, armentis fugere relictis.
 Inuoluit sed flamma pigros uelocior atque
 60 Adflauit, pariterque greges, pariterque magistros.
 Sic nec opinata percussus clade tyrannus

35 sacrorum|| 36 repulso|| 37 spes, intellexerat|| 39 satis si; extra,|| 41 quies, dum tempora
 captat.|| 43 phalangas|| 44 Conciuit circumque; sedit,|| 46 terruit; Idalcon,|| 49 tormenta,
 globos|| 51 contingerat; iuuenis,|| 56 Notis; iuuatur,|| 58 relictis,|| 59 uelocior, atque|| 60
 Adflauit pariterque|| 61 tyrannus,

- Millia tam subito sibi cum periisse uideret
 Triginta, undantes caesorum sanguine campos,
 Atque cadaueribus stratos, aciesque fugatas
 65 Innumeras, passim dispersaque signa per agros,
 Maestus abiit, stupuitque ducem, bellique potentem
 Credidit esse deum, secumque heroas in illa
 Congressos pugna, multa quos caede cruentos
 Cerneret hac illac gladios uibrare coruscos.
 70 Ille quidem fugit, uoto delusus inani,
 Indignansque gemit, quod fracta superbia uasti
 Sic foret imperii, media uix parte diei.
 Tu decoris plenus famaue perennis, ad urbem
 A te seruatum magna uirtute receptus,
 75 Vt meritis sanctis adolesti altaribus ignes
 Curam impendisti, ut si pulsus bella retentet
 Hostis, ab insidiis nihil imprudentibus obsit.
 Altera cura subit, sociis tam fortibus ecquae
 Praemia militibus meritis aequalia posses
 80 Reddere, cum missus uenit subcessor, eratque
 Deponenda tibi prouincia militiaeque
 Tradendum imperium, maiorum more, quod alter
 Nec meliore fide, nec gessit honestius unquam.
 Ergo ad signa uocas, ruit ad praetoria miles
 85 Imperio pronus, si quo ferre arma iuberes
 Tum breuiter grates agis omnibus, atque laborum
 Tecum exhaustorum persoluere praemia digna
 Non opis esse tuae quaereris, quae sola facultas
 Tunc foret, in praedam: te linquere quidquid haberes
 90 Irent diriperent, auferrent. Victa pudore
 Lumina demisere. Ducis reuerentia cunctos
 Mouerat. Elatis dextris, ac murmure claro,
 Velle negant temerare domum. Dux impero dixti,

67 Deum secumque Heroa|| 70 dilusus|| 71 uasti.|| 73 plenus,|| 78 subit sociis|| 80 successor||
 85 iuberes,|| 88 quaereris|| 89 in praedam te; haberes,|| 91 dimisere, ducis|| 92 Mouerat elatis||
 93 domum, dux, impero, dixti,

- Post paulo iam miles ero, tamen impedit ipsa
 95 Si uos religio ac pietas, age sumite nostra
 Donatiua manu. Singillatimque uocatis
 Quanta ea cumque fuit. Postquam est donata supellex,
 Ad subcessorem transfers moderamen; et ille
 Nuper Idalconis domitor, regionis heoae
 100 Rector, opumque animo magno despector, opimo
 Pauper ab orbe redis, alienoque aere grauatus,
 Quod non luxus iners, nec pyrgo inuersa doloso
 Tessera contraxit, animi sed uiuida uirtus
 Marte decus patriae, non emolumenta petentis.
 105 Proferat in medium sua nunc exempla uetustas,
 Cumque tuo quodnam merito componere facto
 Audeat, exquirat: patriae nam caedere praedae
 Hostilis partem, prisco iam contigit aeuo.
 Sed tot protritis legionibus, hoste fugato
 110 Spiritibus tumido, direptis denique castris
 Victorem egregium, re tam feliciter acta,
 Ex se militibus praedam supplere minorem,
 Fallimur, ane nouum est? primusque sequentibus annis
 Ingeniis recolenda bonis, documenta dedisti?
 115 Laeta fuit reducis tamen expectatis, magnum
 uisendi studium, tibi cum populusque patresque,
 Cunctaque nobilitas, concursu ad littora facto
 Nauibus egresso peterent per uota salutem.
 Cum tibi solemnibus pompa est decreta piusque
 120 Ad latus exceptum te Rex deduxit ad alta
 Tempia salutatum diuos, cum dissona turbae
 Gaudia nitentis propius te cernere, celso
 Stans e subgesto, uocalis praeco nequiret
 Comprimere, aut dextrae suadere silentia signis.

95 religioll 96 manu, singillatimquell 97 fuit, postquamll 98 successoremll 99 Hidalconis;
 domitor, regionis Eoae|| 101 grauatus.|| 103 uirtus,|| 104 petentis.|| 106 facto,|| 107 exquirat;
 patriae nam cedere predaell 108 aeuo,|| 115 expectatioll 117 nobilitas concursu; facto,|| 121
 Diuos|| 123 sugesto uocalis precoll 124 signis.

- 125 Scilicet optares potius quantum inuehit auri
 Indus et Aethiopum quantum de montibus exit,
 Aut noster locuplete Tagus prouoluit arena,
 Quam talem ingressum patriae fecisset auarus,
 Qui stupet ad fuluae ramenta micantia terrae,
 130 Non quibus aethereo mens aestuat igne relicta
 Qui uirtute, bonum in rebus nihil esse putarunt,
 A quorum numero si te secreuero, peccem.

AD EVNDEM. De spoliata domo, Petrus Sanchez.

- Post reges uictos, post bella exhausta, ducesque
 Innumeros caesos, millia multa uirum,
 Praemia pro factis quae uobis digna dabuntur?
 Militibus fortis dux Ludouicus ait.
 5 Nullum aurum in castris deuicto ex hoste relictum est,
 Nulla urbs, quam uictrix dextera diripiat,
 Non tamen, o socii, uester labor irritus ut sit
 Iam patiar, nostram depopulate domum.
 Esse solet uictus uictori praeda superbo,
 10 At uictor praeda, hic solus in orbe fuit.

AD EVNDEM

Inuictus fortisque animus, patiensque laborum
 Auri contemptor, uerus amor patriae,
 Aeternum peperere tibi, dux inclyte, nomen:
 Sin minus in terris aethere notus eris.

126 Indus et|| 128 patriae?|| 129 terrae|| 130 aethereo; igne, relicta
 DE SPOLIATA DOMO FORTISS./ DVCIS DOM. LVDOVICI ATADIL.|| 1 Post bella exhausta,
 et uictos Regesque Ducesque|| 2 Innumeros, post tot millia caesa uirum,|| 3 Proll 5 de uictoll 8
 domum|| 9 foi acrescentado um dístico: Sic alacer dites spoliandas tradidit
 aedes,/Cumtantumque pius increpat ore moras.|| 10 praeda hie|| Segue-se outro epigrama que
 não vem na ed. de 1575: ALIVD./Si qui spondet opes hostis, dux urbe potitur,/ Orbis erit
 domitor, qui dedit ille suas.|| AD EVNDEM./ 1 Inuictus,; animus patiensque laborum,|| 2
 Contemptorque auri,|| 3 Aeternam; inclite famam;|| 4 Aeternumque tuum nomen ad astra
 ferent.

ADEVNDEM

Cautum erat edicto ne quis nisi doctus Apelles,
 Pellaei magni pingeret ora ducis,
 Sit cautum edicto, ne quis nisi Musa Maronis
 Taidiis magni fortia gesta canat.

ADEVNDEM

Si caderes bello depresso Idalconis armis
 Perferrent omnes nomen ad astra tuum.
 At quia tot reges attriti Marte cruento
 Praebuerint uinctas in tua iussa manus,
 5 Odit uictorem, nil mirum, barbarus hostis,
 Mirum hoc, te cuius non amat inde tuus,
 Hostes, quod uicti, ciues, quod uiceris, et quod
 Palmam inter fortes det tibi fama duces.
 Inclyte dux, paruo non stat uictoria tanta,
 10 Inuidiosa minus, si minor illa foret.

AD EVNDEM./ Ignatius Moralis./

Eoam Ludouice plagam pro rege petisti,
 Vt leges Indis rectaque iura dares.
 Namque tibi excelsae praestans prudentia mentis
 Praebuit ad tanti culmen honoris iter.
 5 Atque ut gemma nitet, quam fuluum amplectitur aurum,
 Sic quoque lux generis moribus aucta tuis.
 Ambitione uacans uirtus apparuit ingens
 Te duce, pro sancta gestaue bella fide.

DE EODEM./|| 1 Apelles|| 2 Pellei|| 4 Taidiis|| 1 bello, depressus; armis,|| 3 tot Reges|| 4 manus,|| 5 nimirum barbarus|| 7 Hostes quod uicti, ciues quod|| 9 Inclite; tanta:
 AD ILLUSTRISSIMUM/ VIRVM DOM. LVDOVICVM DE ATAIDE/ Quondam Imperatorem
 Indicum, Ignatius Moralis./|| 1 ludouice

- In mare dum Ganges liquidas immiserit undas,
 10 Non poterit laudis non meminisse tuae.
 Tu bonus es miles, tuque optimus induperator,
 Tu decus et gentis gloria rara tuae.
 Caesare tu maior superas Garamantas et Indos,
 Famamque extendis iusta per arma tuam.
 15 Obsceno rumor turpabat crimine nomen
 Caesaris, illaesum est et sine labe tuum,
 Ille suas vires patriam conuertit in ipsam,
 Confirmas patriam uiribus ipse tuis,
 Cum socero Magno certamina miscuit ille,
 20 Tu pia cum socero foedera pacis amas.
 Ille aquilas uanas uexilla superba gerebat,
 Tu gestas sanctae signa uerenda crucis.
 Denique dat poenas ille et cruciatur in Orco,
 At tu pro meritis sidera celsa petes.

11 Induperator|| 13 tu maior, superas Garamantas|| 15 Obscaenoll 16 illesum; tuum.|| 18 ipse
 tuis.|| 20 Tu pia cum socioll 21 uanas,|| 24 Pro

AO MUITO ILUSTRE SENHOR D. LUÍS DE ATAÍDE, André de Resende.

Congratulo-me, Luís, por teres voltado vencedor das negras Índias,
e mais ainda por não trazeres despojos e ouro de lá,
donde, não raro, outros generais tem trazido
enormes riquezas, mas com reduzida grandeza.

- 5 Não falo desses que com afã gastaram a sua vida ao
serviço da ganância, mas dos muitos que, embora rapaces,
refrearam as mãos e, de livre vontade, honradamente encheram
os tesouros pátrios, o erário dos reis vencedores;
não que, alguma vez, se tenham esquecido da recompensa,
10 mas porque, tendo parte nos despojos, de boa fé,
puderam deste modo enriquecer os seus Penates.
Destas partes não curas tu, cuidados vis, desprezíveis
para o general estrénuo, cujo valor, rival dos deuses,
há-de alcançar a glória eterna. Aos céus é exaltado Paulo
15 Emílio, porque, embora tenha enriquecido a cidade
com os despojos de Perseu, ele não voltou mais rico
uma dracma; e considerou suficiente que Roma, em três
dias, com alegria vitoriasse o general e em concorrido triunfo
admirasse as riquezas tomadas e a soberba do rei,
20 enfim humilde, e as mãos que, de ânimo suplicante, ele estendia.
Deste e daqueles que, subjugados os inimigos, assim
regressaram, e não aumentaram em nada o seu património, permanecerá
uma gratidão igual aos feitos⁽¹⁸⁾. E destes não há grande número
em toda a história, nem na estrangeira nem na nossa. Mas, como os
25 monumentos literários dos antigos, das duas línguas, não apresentam
nada de semelhante, quanto mais ilustre não é o teu feito!

(18) Porque as circunstâncias das vitórias dos dois generais eram diferentes, e talvez ainda porque em D. Luís não era patente a aliança entre as armas e as letras, Resende omite o facto de Paulo Emílio ter reservado para si, de entre os despojos de Perseu, os livros da biblioteca real. O relato detalhado do triunfo de Paulo Emílio estava nas *Vidas Paralelas* de Plutarco ("Emílio Paulo", 32-34), texto que teve trânsito escolar durante o séc. XVI. Sobre a repercussão das *Vidas* e dos *Moralia* na época vd. Robert AULOTTE, *Amyot et Plutarque. La tradition des Moralia au XVIIe siècle*, Genève, Librairie Droz, 1965 e *Fortunes de Jacques Amyot. Actes du colloque international*, Melun, 18-20 avr. 1985, présentés par Michel BALARD, Paris, A. G. Nizet, 1986.

- Goa, baluarte e cabeça do reino, desde há muito que estava
sob o nosso domínio; não se resignava, porém, a aceitá-lo
o rei Hidalcão, rico de meios e de vasto poder,
30 irrequieto descendente do Sabaio Persa⁽¹⁹⁾.
E este, depois de subjugar os nativos, foi o primeiro
a trazer para estas plagas a louca seita do iníquo Maomé,
até que os nossos levaram para lá os sinais da vitória, as
insígnias que nas velas representam a vermelho vivo a cruz,
35 e, afastada aquela peste, lhes ensinaram os santos ritos.
Ora para quem tantas vezes tentava a reconquista, e tantas
vezes fora repellido, brilhou há pouco a esperança. Julgara que a cidade,
com uma guarnição mais reduzida, não estaria muito firme, e que
dentro não haveria provisões suficientes, se, de fora, surgisse guerra.
40 Ou porque fosse o valor mais destemido do que avisado,
ou por causa da aparente tranquilidade do inimigo, este,
enquanto aguardava a ocasião, ocultando assim as suas intenções,
reuniu cerca de cem mil homens escolhidos, exércitos de peões
e cavaleiros, e, com a maior ordem, pôs cerco a Goa.
45 No interior estavas tu e contigo dez centúrias e nobres
peitos, que, sob o teu comando, não temeram o Hidalcão inimigo,
nem os acampamentos de aspecto aterrador, nem o crescente das
bandeiras que, de todos os lados, refulgiam na vastidão dos campos,
nem as bombardas de bronze, nem os pelouros que nunca deixam
50 de explodir com terrível estrondo. Cíntia em seu movimento,
puxada por um par de novilhas⁽²⁰⁾, tocara três vezes a meta,
quando, vendo que não bastava defender muros fechados,

(19) Hidalcão é a versão portuguesa de Adil Shah ou Adil Khan, nome usado pelos reis de Bijapor, reino que, no dizer de Diogo do Couto, "he muito nosso vizinho (...) delle vem os mantimentos (...) de que se sustenta esta ilha e cidade de Goa", dele vem ainda a madeira e os marinheiros para as armadas portuguesas, donde o provérbio "guerra com todo o mundo; paz com o Hidalcão" (Diogo do Couto, *Da Ásia. Década Oitava*, edição crítica de M. A. A. Lima Cruz, Lisboa, 1987, V, p. 402). Resende chama a Hidalcão *progenies Sabaii* porque o fundador desta dinastia, Yuçuf, por ter nascido na cidade de Sabá, tinha o cognome de *Sabaio* (vd. *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, s. v.).

(20) Cíntia, a lua, comparada em seu movimento regular (apesar de *uaga*, cf. *Eneida*, 1. 742: *errantem lunam*) aos carros de corridas que tinham de rodear no seu percurso várias vezes a meta. Metáfora para dizer ao fim de três meses lunares. Não há notícia nos cronistas de D. Luís ter ordenado, ao fim do terceiro mês, um ataque geral.

- de improviso atacas o inimigo nos seus acampamentos, destroças
todas as linhas e pões em debandada as falanges,
55 como o raio que, quando o fogo se precipita das nuvens,
incendeia os silvados, se a chama for ajudada pelos ventos.
Dá-se o embate, crepitam os bosques, pelos campos vizinhos,
desvairados os pastores, fogem as manadas ao abandono.
Todavia as chamas mais velozes cercam os retardatários e
60 incendeiam os rebanhos e os seus condutores.
Assim, o tirano, abalado pela inesperada derrota,
ao ver perecerem tão de repente trinta mil dos seus,
os campos em torrentes com o sangue dos feridos e
juncados de cadáveres, e inúmeras espadas
65 arremessadas, e os pendões espalhados aqui e ali pelos campos,
retirou-se desolado, e, cheio de assombro, acreditou que o nosso
general era o poderoso deus da guerra e que, naquela batalha, semideu-
ses tinham combatido contra si, pois bem os vira, cobertos de sangue,
no meio da carnificina a brandir, aqui e ali, as espadas cintilantes.
70 Foge, pois, o inimigo; iludido por um vão desejo e
revoltado chora porque assim fora destruído o orgulho
de um vasto império, em apenas meio dia.
Tu, coberto de glória e fama eterna, voltas para a cidade
por ti defendida com tanto valor, e,
75 depois de acender os devidos lumes nos santos altares,
fazes todos os esforços para que o inimigo repellido, caso tente
de novo a guerra, não cause, por falha nossa, à traição, qualquer dano.
Outros cuidados sobrevêm – que recompensas, dignas dos merecimen-
tos dos soldados, a companheiros tão valorosos, poderias conceder –
80 eis que chega aquele que fora enviado para te suceder, devendo tu,
então, segundo o costume dos antepassados, entregar o comando
do exército e abandonar o cargo que jamais alguém desempenhou
com maior lealdade, ou mais honestamente.
Logo mandas tocar a reunir, correm para o palácio os soldados prontos
85 para, às tuas ordens, pegar em armas, para onde quer que os mandasses,
testemunhas, então, em poucas palavras, a todos o teu reconhecimento
e anuncias-lhes que não está nas tuas mãos pagar recompensas dignas

- dos trabalhos que contigo suportaram, que só uma possibilidade havia:
deixavas atrás de ti, como presa, tudo o que tinhas,
- 90 que fossem, saqueassem, levassem. Vencidos pela vergonha
baixaram os olhos. A solicitude do general a todos comovera.
Levantaram as mãos e de voz embargada claramente disseram que
não queriam ultrajar a tua casa. "Por pouco tempo detenho o comando,
respondeste, dentro em breve serei apenas soldado, todavia se
- 95 é mesmo a religião e o respeito que vos detém, vamos, tomai-a como
nossos donativos". E, chamando um a um, distribuiste-os por grandes
que eles fossem. Depois de ter dado a mobília da casa, ao teu sucessor
levas o leme do governo; e tu, ainda há pouco do Hidalcão vencedor,
e tu senhor das terras
- 100 do Oriente e magnânimo desprezador das riquezas, voltas,
de um mundo rico, pobre e carregado de dívidas,
que nem o luxo indolente, nem os dados voltados no copo enganador
contraíram, mas sim o valor de um peito ardente,
que na guerra procura não o lucro mas a honra da pátria.
- 105 Apresente agora a antiguidade os seus exemplos,
e ouse, procure, justificadamente, comparar com o teu feito
um outro qualquer; na verdade, sacrificar em favor da pátria parte dos
despojos do inimigo já nos tempos idos sucedeu,
mas, desbaratadas tantas legiões, afugentado o inimigo
- 110 inchado de orgulho, destruídos, por fim, os acampamentos,
estaremos enganados se dissermos que é coisa nova
o vencedor excelente, que conduziu a guerra com tanta felicidade,
dos seus bens tirar a presa que falta aos soldados? Não foste tu,
pois, o primeiro a dar aos anos vindouros exemplos que ânimos
- 115 valorosos devem retomar? Tiveste, contudo, no teu regresso – grande
era o desejo de te ver – a alegria com que foste recebido, quando o povo
e os padres e toda a nobreza, acorrendo ao cais, ao saíres dos navios,
te saudavam com aclamações.
- Foi decretada em tua honra uma procissão solene e o Rei
- 120 pio, tomando-te a seu lado, conduziu-te aos altos
templos para agradecer aos santos, apesar de o orador, de pé, do alto
do púlpito, não ser capaz de, pela palavra, conter a agitação e o

- regozijo, nem de, com um gesto, exortar ao silêncio a multidão,
que se esforçava por te ver de mais perto⁽²¹⁾.
- 125 Naturalmente, tu preferirias o ouro, quanto transporta
o Indo e quanto sai dos montes de África
ou rola o nosso Tejo na sua rica areia,
a ter feito uma tal entrada na pátria, se fosses um avarento,
embasbacado perante os detritos cintilantes da terra dourada
- 130 e não um daqueles cujo pensamento arde com o fogo celeste
e que pensam que, sem a virtude, não existe nenhum bem na vida,
do número dos quais, se eu te excluir, errarei.

AO MESMO. A propósito da sua casa saqueada, Pedro Sanches.

- "Depois de terdes vencido reis, depois de terdes laboriosamente
acabado as guerras e morto tantos generais e tantos milhares de
homens que recompensas, dignas dos vossos feitos, vos hei-de
conceder?" pergunta Luís, o valoroso general, aos seus soldados.
- 5 "Nenhum ouro foi deixado nos acampamentos pelo inimigo derrotado,
não há qualquer cidade que a mão vencedora possa despojar,
não quer isto dizer, ó companheiros, que o vosso esforço seja vão
e que eu o não sofra – ponde a saque a minha casa."
- Costuma o vencido ser presa da soberba do vencedor,
- 10 mas vencedor que fosse presa, foi este o único no mundo.

AO MESMO

Ânimo indomável e valoroso, paciente nos trabalhos,
desprezador do ouro, verdadeiro amor à pátria,
para ti alcançaram, ó insigne general, eterna fama,
se não fores conhecido na terra, sê-lo-ás no céu.

(21) A procissão foi da Sé de Lisboa à igreja de S. Domingos (*os alta templa*), onde houve missa solene e pregação a cargo do jesuíta Pe. Inácio Martins, e no fim do sermão leu-se o sumário das vitórias orientais, depois divulgado por todo o reino.

AO MESMO

Decidiu-se, outrora, por decreto, que ninguém, a não ser
 o hábil Apeles, pintasse o rosto do grande macedónio.
 Por lei se determine, agora, que ninguém, a não ser a musa de Marão,
 cante os valorosos feitos do grande Ataíde.

AO MESMO

Se tombasses em combate morto pelas armas do Hidalcão,
 todos exaltariam o teu nome até aos céus.
 Mas porque tantos reis, esmagados pelo cruento Marte,
 se apresentaram de mãos atadas às tuas ordens,
 5 não é de admirar que o bárbaro inimigo odeie o vencedor,
 estranho é que, por isso, não te estimem os teus concidadãos,
 os inimigos, porque vencidos, os cidadãos, porque venceste, e
 porque a Fama te concede a palma da vitória dos grandes generais.
 Ó glorioso general, de pouco valor não será tamanha vitória,
 10 mais pequena ela fosse, menos azo daria à inveja.

AO MESMO. Inácio de Moraes.

Para as terras do Oriente, como vice-rei, tu partiste, Luís,
 a fim de leares a lei e a justiça aos Indos.
 Na verdade, a ti, a excelente sabedoria de uma excelsa índole
 indicou-te o caminho para as culminâncias de tão alta honra.
 5 E tal como a jóia que o fúlvido ouro abraça, assim
 brilha a luz da tua estirpe aumentada pelos teus feitos.
 A virtude, livre da cobiça, eminente se mostra
 e, sob o teu comando, gloriosos feitos se cometem pela santa fé.
 Enquanto para o mar o Ganges lançar as águas límpidas,
 10 não poderá ninguém esquecer a tua glória.
 Tu, bravo guerreiro, tu, excelente capitão,
 tu és a honra e a rara glória do teu povo.
 Maior que César, tu vences os Garamantes e os Indos

e, com guerras justas, estendes a tua fama.

- 15 Rumores manchavam com torpes acusações o nome
de César, incólume e sem mácula está o teu,
Ele voltou as suas forças contra a própria pátria,
tu revigoras a pátria com o teu poder.
- 20 Ele, com Pompeu, embora seu sogro, provocou contendias,
tu, com teu sogro, desejas piedosas e pacíficas alianças.
Ele trazia estandartes arrogantes, águias inúteis,
tu trazes sempre as venerandas insígnias da santa cruz.
Por fim, ele é castigado e supliciado no Orco,
tu, porém, pelos teus méritos, para o alto dos céus partirás.



AVCTORVM CARMINA
IN LAVDEM ILLVSTRISSIMI
DOMINI LVDOVICI

A T H A I D I I,

SERENISSIMI REGIS PORTVGALLIAE
A CONSILIIS,

Pro faelici victoria apud Indos reportata.



CVM LICENTIA SVPERIORVM.



R O M A E.

Apud Iosephum de Angelis:

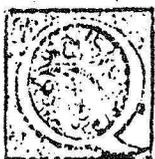
M D L X X V.



ILLVSTRISSIMO DOMINO

LVDOVICO ATHAIDIO

Andreas Resendus .



QVOD Ludouice nigris remeasti victor
ab Indis ,

Gratulor , atq; magis praeda quod inanis,
& auro ,

Illinc, vnde duces alij fecere frequenter
Diuitias summas , sed maiestate minuta .
Mitto hos, qui in eum posuerunt fortiter actis
Rebus auaritia , Sedenim plerique rapaces
Continuere manus , patrieq; craria Gazæ
A se victorum regum opplcuere fideles ,
Non tamen immemores etiam quandoq; peculi ,
Verum participes prædæ , sine fraude dolosa ,
Quo potuere modo fortunauerè Penateis .
Hæc neglecta tibi pars est , pars infima forti

A ij

Adſper-

Ad speranda duci, cuius dijs amula virtus
Æternum est paritura decus. Super athera Paulus
Tollitur Aemilius, qui cum ditauerit urbem
De Persei spolijs drachma locupletior ipse
Non redyt, duxitq; satis, quod Roma diebus
Lata tribus gratata duci est, celebriq; triumpho
Captiuas spectauit opes, regemq; superbum, (mas
Tandem humilem, atq; animo tendentē supplice pal-
Huius, & illorum qui sic rediere subactis
Hostibus, atq; nihil censu creuere, manebit
Gratia par factis. Quorum est non maxima turba
Omni ex historia, externa nostraq;. Sed illud
Quanto est splendidius factum a te? quale priorum
Nil gemina prodant monumenta loquacia lingua.
Regni arcem, columenq; Goam, ditione teneri
Iam pridem nostra, non aqua mente ferebat
Diues opum, lateq; potens regnator Idalcon,
Progenies Persa nequaquam ignaua Sabaij:
Qui domitis terra indigenis, Maumetis iniqui
Insanam primus sectam has inuexit in oras,
Donec eo nostri victricia signa tulerunt,
Signa crucem rutilo simulantia lintea cocco,
Ac lue deposita ritus docuere sacrorum.
Ergo retentanti toties, totiesq; repulso,
Adfulsit nuper spes. Intellexerat urbem

Non

Non bene praesidio firmam leuiore, nec intus
Prouisum esse satis, si bellum emergeret extra.
Seu foret in causa virtus animosior aequo,
Sive hostis simulata quies, dum tempora captat,
Sic animo sua uota fouens, prope millia centum (ges
Selectorum hominum, peditumq; equitumq; phalan-
Conciuit, circumq; Goam summo ordine sedit.
Intus eras, tecumq; decem generosa cohortes
Pectora, qua duce te neq; tenuit hostis Idalcon
Nec castra horribili adspectu, lunata ve signa
Undiq; per patulos circumfulgentia campos,
Aenea nec tormenta globos cessantia numquam
Terrificante sono displodere. Cynthia metas
Ter uaga contigerat, bijugis inuecta iuuentis.
Cum ratus esse parum clausos defendere muros,
In sua castra hostem petis improuisus, & omneis
Perrupisti acies, disiecistiq; phalangas,
Fulminis in morem, cum rapto è nubibus igne,
Corripuit uepreta, notis si flamma iuuatur.
Fit strages, crepitatq; nemus, per rura propinqua
Pastores sparsi, armentis fugere relictis.
Inuoluit sed flamma pigros uelocior atq;
Ad flauit, pariterq; greges, pariterq; magistros.
Sic nec opinata percussus clade tyrannus
Millia tam subito sibi cum perisse uideret

A 3 Trigin-

Triginta, undanteis castrorum sanguine campos,
Atq; cadaueribus stratos, aciesq; fugatas
Innumeras, passim dispersaq; signa per agros,
Mestus abiit, stupuitq; ducem, belliq; potentem
Credidit esse deum, secumq; heroas in illa
Congressos pugna, multa quos cade cruentos
Cerneret hac illac gladios vibrare coruscos.
Ille quidem fugit, voto delusus inani,
Indignansq; gemit, quod fracta superbia vasti
Sic foret imperij, media uix parte diei.
Tu decoris plenus fama;q; perennis, ad urbem
A te seruatam magna uirtute receptus,
ut meritos sanctis adolesti altaribus igneis
Curam impendisti, ut si pulsus bella retentet
Hostis, ab insidijs nihil imprudentibus obsit.
Altera cura subit, socijs tam fortibus ecqua
Præmia militibus meritis aequalia posses
Reddere, cum missus venit subcessor, eratq;
Deponenda tibi prouincia militiq;
Tradendum imperium, maiorum more, quod alter
Nec meliore fide, nec gessit honestius unquam.
Ergo ad signa uocas, ruit ad prætoria miles
Imperio pronus, si quo ferre arma iuberet
Tum breuiter grates agis omnibus, atq; laborum
Tecum exhaustorum persoluere præmia digna
Non

Non opis esse tuae quæreris, quæ sola facultas (res
Tunc foret, in præadam. te linquere quidquid habe-
rent diriperent, auferrent. uicta pudore
Lumina demisere. ducis reuerentia cunctos
Mouerat. Elatis dextris, ac murmure claro,
Velle negant temerare domum. Dux impero dixisti,
Post paulo iam miles ero, tamen impedit ipsa
Si uos religio, ac pietas, age sumite nostra
Donatiua manu. Singillatimq; uocatis
Quanta ea cumq; fuit. postquam est donata supellex,
Ad subcessorem transfers moderamen; Et ille
Nuper Idalconis domitor regionis hec
Rector, opumq; animo magno despector, opimo
Pauper ab orbe redis, alienoq; ære grauat, — 160
Quod non luxus iners, nec pyrgo inuersa doloso
Tesseræ contraxit, animi sed uiuida uirtus
Marte decus patriæ, non emolumenta petentis,
Proferat in medium sua nunc exempla uetustas,
Cumq; tuo quodnam merito componere factò
Audeat, exquirat. patriæ nam cadere præda
Hostilis partem, prisco iam contigit æuo.
Sed tot protritit legionibus, hoste fugato
Spiritus tumido, direptis deniq; castris
Victorem egregium, re tam feliciter acta,
Ex se militibus præadam supplere minorem,

Falli-

AD EVNDEM DE SPOLIATA

D O M O .

Petrus Sanchez.



Ost reges victos, post bella exhausta, ducsq;
Innumeros casos, millia multa virum
Præmia profectis qua nobis digna dabuntur?



Nullum aurum in castris devicto ex hoste relictum est,
Nulla urbs, quam victricis dextera diripiat,
Non tamen Osochy vester labor irritus ut sit
Iam pariar, nostram depopulate domum.
Esse solet victricis victori præda superbo,
At victor præda, hic solus in orbe fuit.

Ad

Fallitur, anne novum est primusq; sequentibus anni
Ingenys recolenda bonis, documenta dedisti?
Lata fuit reductis tamen expectatis, magnum
visendi studium, tibi cum populisq; patresq;
Cuncta q; nobilitas, concursu ad littora facto
Nauibus egresso perierent per nota salutem.
Cum tibi solemnis pompa est decreta piusq;
Ad latius exceptum te Rex deduxit ad alia
Templa salutarum diuos, cum dissona turba
Gaudia nitentis propius te cernere, cesso
Stans è subgesso, vocalis præconequirit
Comprimere, aut dextræ suadere silentia signis
Scilicet optares potius quantum inuehit auri
Indus, & Aethiopum quantum de montibus exit,
Aut nos ter locuplete Tægas prouoluit arena,
Quam talem ingressum pariter fecisset auarus,
Quis impet ad fulua ramenta micantia terra,
Non quibus aliterio mens æ sua igne relicta
Qui curiuit, bonum in rebus nihil esse putarunt,
A quorum numero si te secrevero, peccem.

Ad

AD EVNDEM.

I Nuictus fortisq. animus, patiensq; laborum
Auri contemptor, verus amor patriæ,
Æternum peperere tibi dux inclyte nomen:
Sin minus in terris æthere notus eris.

AD EVNDEM.

C Autum erat edicto ne quis nisi doctus Apelles,
Pellæi magni pingeret ora ducis,
Sit cautum edicto, ne quis nisi Musa Maronis
Tajdij magni fortia gesta canat.

AD EVNDEM

S I caderes bello depresso Idalconis armis
Perferrent omnes nomen ad astra tuum.
At quia tot reges attriti Marte cruento
Præbuerint uinctas in tua iussa manus.
Odit victorem, nil mirum, barbarus hostis,
Mirum hoc, te ciuis non amat inde tuus.
Hostes, quod uicti; ciues, quod uiceris, & quod
Palmam inter fortes det tibi fama duces.
Inclyte dux, paruo non stat uictoria tanta,
Inuidiosa minus, si minor illa foret.

AD



AD EVNDEM.

Ignatius Moralis.



L O am Ludouice plagam pro rege petisti,
Ut leges Indis rectaq; iura dares.
Namq; tibi excelsæ præstans prudentiæ mētis
Præbuit ad tanti culmen honoris iter.
Atq; ut gemma nitet, quæ fuluum amplectitur aurū,
Sic quoq; lux generis moribus aucta tuis.
Ambitione vacans uirtus apparuit ingens
Te duce, pro sancta gesta q; bella fide.
In mare dum Garges liquidas immiserit undas,
Non poterit laudis non meminisse tua.
Tu bonus es miles, tuq; optimus induperator,
Tu decus, & gentis gloria rara tua.
Cæsare tu maior superas, Garamantas, & Indos,
Famamq; extendis iusta per arma tuam.
Obscæno rumor turpabat crimine nomen
Cæsaris, illasum est, & sine labe tuum,

111a

Ille suas viris patriam conuertit in ipsam,
 Confirmas patriam viribus ipse tuis,
 Cum socero Magno certamina miscuit ille,
 Tu pia cum socero fœdera pacis amas.
 Ille aquilas uanas uexilla superba gerebat,
 Tu gestas sancta signa uerenda crucis.
 Denique dat pœnas ille, & cruciatur in Orco,
 At tu pro meritis sydera celsa petes.

F I N I S



ELEGIA

HORATII PAGANI
 PULCINENSIS
 Curati SS. Vincentij, & Ana-
 stasij in regione Arenula.
 De Diluio Tyberino.

AD PETRUM ALDOBRANDINVM
 S. R. E. CARDINALEM.

ROMAE,
 Apud Impressores Camerales. M. D. XCIX.
 CVM LICENTIA SUPERIORVM.